

A UNIÃO

REVISTA LITTERARIA E NOTICIOSA.

ASSIGNATURAS.

POR ANNO

Para a Capital. . . 4\$000

Pagamento adiantado.

REDACTORES :

Os alumnos do Collegio do SS. Salvador.

Publica-se nos dias 1.º e 15 de cada mez.

ASSIGNATURAS.

POR ANNO

Para fóra da Capital . . . 4\$500

Pagamento adiantado.

Anno I.

Desterro, 15 de Fevereiro de 1868.

N. 4.

Parte litteraria.

CONSIDERAÇÕES.

Sobre os estudos da mocidade.

Pelo

CARDEAL J. S. GERDIL.

Continuação do n. anterior.

Não se julgue porem, que seja meo proposito tornar escabroso e difficil á mocidade estudiosa o caminho das sciencias, e bellas artes; antes quereria que mais suave se fizesse e agradavel. Mas, como succede que nos exercicios phisicos de torneios, de saltos, ou da carreira sabem os habeis professores exercitar os moços em fazer cousas difficultosas, e em fazel-as com prazer; assim creio que se deva ordenar de tal sorte o curso dos estudos que os moços tenham de afdigar-se e industrial-se, e ao mesmo tempo experimentem gosto e satisfação no trabalho; sendo o mais importante da obra, não remover as difficultades, mas collocal-as sob tal ponto de vista, que n'elles se excite o desejo e a esperanza de superal-as.

E' inexplicavel a satisfação que o espirito humano sente em vencer os obstaculos, que se oppõem ao insaciavel ardor de saber, e a alegria interna que naturalmente se excita n'elle, quando consegue desembaraçar algum nó enredado em argumentos difficéis e abstrusos. Escolha-se pois um corpo de doutrina solida e util, feita porem a escolha, convem proceder com exacto e severo methodo dos principios ás consequencias afim de acostumar os animos juvenis não a reunir simplesmente noticias á noticias, mas a desenvolver-las com justas combinações de ideias, e a deduzir industriosamente umas das outras.

A' respeito desta escolha de materias, e da maneira de tratal-as referirei um arguto pensamento de Bacão de Verulamio. Depois de ter comparado d'uma parte aquelles que chama empyricos, isto é, os puros experimentadores, ás formigas, as quaes vão recolhendo grãos de trigo, para o accumular, e ajuntar em simples montões; e de outra, os puros especulativos que se envolvem unicamente em suas abstrações, ás aranhas, as quaes formão téas de sua propria substancia; accrescenta que o verdadeiro modo

é imitar as abelhas, as quaes colhem o mais puro e delicado succo das flores, trabalhando nelle com artificioso primor, e amassando-o formão um tão saudavel como exquisito licór. Aos empyricos parecem approximar-se aquelles que por meio de pequenos compendios offerecem á juventude o conhecimento das cousas antes accumulados que unidas, ou combinadas. Aquelles philosophos escolasticos, aos quaes algum poema tacha de puros abstracta especulativos (tacha que certamente não merecem os mais celebres) trabalhando sobre as proprias abstraccões formavão, se se quer, téas de aranha, téas transparentes e de pouca ou nenhuma firmeza, mas propriamente téas, isto é, trabalho e tecido. Por isso para adquirir o conhecimento das cousas, convem seguir o conselho de Bacão e imitar as abelhas, extrahindo das cousas mesmas, melhor que de phantasticas ideias, a materia á tratar-se, não para accumulal-a a maneira de armazem na memoria, porem para preparal-a, medital-a e ordenal-a com artificio e trabalho intellectual.

(Continúa.)

O Riso.

O riso é um phenomeno nervoso, durante o qual inchão-se os musculos da cara e beiços, seguindo-se expirações breves e incompletas mais ou menos sonoras devidas a uma longa inspiração.

Se o riso for descomedido os musculos do baixo ventre tornão-se doridos na insersão externa d'elles, e isto obriga a pessoa que ri-se a extorcer-se e comprimir os lados.

Se o riso fôr prolongado a accumulção de sangue venoso produz a turgencia cerebral, e a cõr roxa nas faces com ameaços de apoplexia. Daqui provem a expressão: rir até o deliquio. Casos ha (ainda que mui raros) em que a um rir excessivo segue-se a morte, esta então é causada pela apoplexia ou pela delaceração do coração ou de outro grande vaso.

«O riso do idiota não apresenta perigo algum, diz o professor Rostan. O que sobrevem no decurso de agudas doenças cerebraes ou das meninges é fatal, porem infinitamente menos no hysterismo, na hypocondria, na mania.

O riso sardonico é frequentemente symptoma de inflamação do diaphragma e de doenças ataxicas; é uma especie de contracção espasmódica dos beiços e faces, assim chamada por ser observado, dizem, nos individuos que comião certa especie de ranunculos mui communs na Sardenha.

E' o riso uma expansão do coração revestida d. caracteres ora alegres e benevolos, ora de uma satisfação maligna e chocarreira, devendo-se ao mesmo tempo confessar ser esta ultima especie de riso a mais frequente.

Quando exprime alegria não só produz uma accleração do sangue, mas causa tambem a certos musculos tal abalo que torna-se ás vezes um curativo. Narra Pechlin que um moço gravemente ferido no peito fora abandonado pelos medicos que julgavão moribundo.

Os companheiros que o assistião divertião-se em tingir com um coto de vella o mais moço d'elles, adormecido aos pés da cama. Abrindo neste ponto o enfermo os olhos, soffreu tal sensação por aquelle grotesco espectaculo que rindo-se por este motivo lhe sahio da ferida mais de duas libras de sangue pisado e mui breve restabeleceu-se perfeitamente. Todos sabem que emquanto Erasmo lia as *cartas de homens obscuros* arrebitou-se-lhe a vomica que o ia soffocando. O muito rir salvou-lhe a vida.

Conta-se que Corinjo ficou livre de uma obstinada terçã pelo muito gozo que experimentou conversando com meibonio.

Ha, diz Iypot, muitos casos em que meninos tristes, amarellos e raquiticos provocados ao riso pelas cocegas obtiverão felizes resultados.

E' certo que uzando eu, escreve Tissot deste modo tão simples e por isso mesmo tão demasiadamente despresado, alcancei dissipar infarte lymphaticos que haviam resistido a um porfiado curativo de remedios tanto internos como externos. Repetindo-se este medicamento de manhã e de tarde por alguns minutos, produz ordinariamente depois de quinze ou vinte dias uma melhora sensivel em sua compleição; a pelle não é mais amarella, o rosto especialmente he mais corado, a phisionomia torna-se mais e mais jovial e animada, o abalo geral produzido pelo riso, tem por assim dizer reanimado a vida nos vasos capillares que estavam sem ella.

Porem uma alegria muito improvisa e um rir descomedido podem trazer consequencias funestissimas, especialmente na cura de doenças agudas, na cura da hernia, das fracturas e das feridas em geral; por isso depende da prudencia do medico o usar deste estimulante com moderação, e depois de estar seguro que não poderá produzir alguma funesta reacção,

(Continúa.)

A manhã.

(J. Borghi)

Inda hoje eu sou e vivo
Co'os mestos peregrinos!
Do solio eterno o divo
Aos hymnos matutinos
Te inclina, ó Deus, que as lagrimas
Terminas do mortal.

Qual grande côro em festa
A terra e o céu se apresta;
As mortas cousas tornão-se
Ao brilho natural.

O ouro, a rosea fronte
Muda a mimosa aurora,
De colle em colle o monte
Se veste, se colora;
Co'as aguas brinca o zephyro
Co'as arvores, co'a flôr.

Um vago senso ignoto
De juventude e moto
Pelas cidades ergue-se
Nos bardos do pastôr.

O' prole destemida
De fortes genitôres,
O sol ja te convida
Aos teus uteis lavôres.
Sahie: do homem que cança-se
Mais doce é o comer.

Sobre a familia immensa
O eterno Rei dispensa
A fartura, as divicias,
O engenho e o poder.

E vós, da alva o canto
No altar propiciado
Filhos de Levi, ao Santo,
Erguei, ao Increado.
Do tabernac'lo move-se
A vida de Israel.

Do imigo em zombaria
Anjo do céu nos guia:
As obras do homem integro
Nota no céu fiel.

Mas quem, por impunida
Culpa, s'endura n'ella
Das paginas da vida
Com justiça o cancella:
Nã coma o agarra Lucifer
Meridiano algoz.

—Da infernal corrente
Dos males co'a enchente.
No afflicto mundo o espirito
Subio tremendo, atroz.

Onde, ó irmãos, onde
Vos vejo despenhados?
Aqui o furor responde
De povos obstinados,
Qu'armão-se em exterminio
Do sceptro que os guiou.

Mas o lucto acabado,
Do solio derribado
Nasceo ultriz potencia
Que sceptro e rei vingou:

Da dôr no berço avito
Dos gozos, dos afanos,
Dos miseros ao grito
Sa endurão os tyrannos
L'arcos de ouro, e prodigos
De sangue cidadão.

Mais honra não cultiva
A mocidade altiva:
O velho junto ao tumulo
—Só anheia perversão.

De leitos, de punhaes
Ha vil mercado em praça,
Nos duros tribunaes,
Do oppressor a traça
Qual é mais casta victima
Arrasta ao pé do altar.

— Ha delirio, ha peccados,
Nas praças, nos senados,
Entre os ageis artifices,
No sacro limiar.

— Quem demará as vaidosas
Ondas, e tão diversas?
As penhas horrorosas
Co'as nuvens adversas
Quem é que arrosta improvido
Estulto conductor!

Quem, quando fór levado
Morbo ao paiz chegado,
Seguro ao beijo inclina-se
Do infecto viajor.

Tu que o fim não desejas
Da triste humana raça,
As ondas malfazejas
Enfrea; cuida a desgraça;
Modera ó Deus, os animos
E a trabalhosa mão.

Se á tua prole agora
Concedes nova aurora,
Dá que não contamine-se
Que não se gaste em vão

Tu dás leis e assento
As obras do teu braço;
A terra, o firmamento,
O fogo e o salso espaço,
E as estações que alternão-se
E o anno que passou,

Da matta o bruto, o alado
Rebanho, e o calado
Respondem aos designios
Que o teu querer firmou.

Só eu n'esta jornada,
Senhor da minha mente,
Contra a veréa marcada
Recalcitrei frequente;
Ah! baste ó Deus, a insania
D'um dia que mais não é.

P'ra o bem valor me apresta
No tempo que me resta;
Certo, visinho mostra-me
O premio a minha fé.

Dos trabalhos ao duro
Imperio são affectos,
E quem possue segaro
Ricos, marmoreos tectos,
E quem ja não defende-se
Da estação brumal.

Assim quizeste quando
O anjo fulminando
O peccador primeiro,
Vibrou golpe fatal.

Eu sob a carga rude
Gemer porém não ousou,
Mas só na tua virtude
Confio e me repouso:
A carne, o sinto, é invalida,
Mas a alma tem valor.

E tu, oh! vem, tu digas,
Ao triste nas fadigas!
Eu doce refrigerio,
Sou eu o teu vigor!

O.C.

ROMANCE

A TROCA.

III.

Continuação.

Etienne e Miguel costeavam as collinas que cortam o paiz entre o rio Tatmet e Ghiannon. Ambos montavam burros vigorosos; á garupa traziam as suas pacotilhas, cuidadosamente envoltas em pelles de vacca. Riou mais afouto que o seu companheiro, mais avido de descobertas e ganhos ia adiante com a espingarda em bandoleira. Sua vista parecia procurar no horizonte algumas nuvens de fumaça que se debuxam sobre a alvura rosada do céu o que annuncia aproximação d'um lugar habitado.

— Nada! murmurou Riou.

— Nada! repetio Lorient com um suspiro, caio de fraquesa!... infernal paiz!...

— Não te lamentes replicou bruscamente Etienne, quando tudo vos vai ás mil maravilhas.

— Tudo?

— Ha quinze dias que deixamos o malvado capitão e já juntamos 100 onças de ghingan.

— Sim! porem que vida! Dormir as mais das vezes ao relento com uma dusia de tigres e leões que rugem ao redor de nossa cama; comer milho socado entre duas pedras, e mandioca cusida com pimenta verde!

— Silencio! interrompeu Riou, eis que se nos offerece occasião de tomar-mos melhor alimento.

— Como?

— Não vê tu lá em baixo, sob a sombra d'aquelles *biscalos* um bando de negros?

— Sim, disse Miguel.

— Acheguemo-nos, talvez possâmos obter alguns refrescos.

Os dous marinhellos derigiram-se para as arvores e reconheceram approximando-se uma familia de Marabús; tal é o nome dado pelos negros aos seus padres que são mahometanos.

Estes Marabús vam de aldeia em aldeia, instruindo os meninos na religião de *Mahomet*, e vendendo inscripções extractas do alcorão, que os negros fechão em bocetas como talismãs soberanos.

Cada uma d'essas inscripções, ás quaes tem o nome de *gris-gris*, tem a sua influencia especial, pois os Marabús os vendem — *ad libitum* — quer para os perigos, quer para os desejos.

Quando Riou e Lorient chegaram perto das arvores onde o padre negro tinha acampado, estava elle occupado em fazer escrever os meninos sobre tabuihas de pão branco, com traços lançados a pincel.

Vários burros pastavam á sóga a pouca distancia. Os Marabús gosam fama de leões no commercio, por essa razão os preferem em qualquer negocio.

Seu character sagrado os põe á abrigo de qualquer insulto mesmo em tempo de guerra.

A vista dos dous estrangeiros o padre se levantou, Miguel depois de saudal-o com benevolencia, lhe perguntou, se lhe podia arranjar algumas provisões. O Marabout lançou os olhos para as bagagens que estavam á garupa dos burros.

— Os homens de nossa profissão são pobres, o tem mais necessidade de receber que de dar.

Não esteja ahí a duvida! pagar-se-te-ha os vive-res, porem mostra-nos o que nos podes vender.

O Marabú chamou as mulheres, que abriram uma canastra de couro, d'onde tiraram um quarto de elephante, porém ao fetido d'essa carne meia podre,

Mignel, máo grado á fome voltou a cabeça com nojo. Veio enfim um pralo de cuscús que acabava de ser preparado e algumas espigas de milho assadas nas brasas.

As mulheres do Marabú servião aos viajantes em vasos de barro uma certa bebida chamada *Bullo* e alguns favos de mel que havião descoberto na cavidade de uma *sanára*.

Acabada a refeição, Etienne remexeu em uma de suas malas para pagar ao seu hospedeiro.

O Marabú approximou-se; e á vista das mercadorias seus olhos accenderão-se.

— Vede como o cura negro olha o nosso basar; e vem approximando-se.

— Fecha tudo, replicou Riou com intenção. Miguel quiz collocar a mala á garupa do burro, porém com a pressa ella escapou-lhe, e uma parte das mercadorias cahiu no chão.

— O céo te confunda! exclamou Etienne n'um tom de exprobação.

— Com mil diabos! replicou Riou furioso. Elles começaram a juntar as mercadorias debaixo de descomposturas de parte á parte.

O Marabú apressou-se, para os ajudar; porém Loriol o afastou com um signal de ameaça.

— Vai comer teu sanglet, (*) cura, disse elle bruscamente, não carecemos de teus serviços.

O Marabú se mostrou offendido e lhes protestou suas boas intenções; porém vendo-os entrelidos em juntar as meocadorias, adiantou-se devagar para umas pulseiras de coral, que estavam occultas debaixo de uma moitinha d'herva.

Elle as agarrou com o dedo grande do pé, retirou lentamente a perna para traz, e achou meio para introduzil-as nas dobras da juba.

Infelizmente Etienne tinha visto o movimento e levantando-se, veio ás mãos com o Marabú e conseguiu tomar-lhe as pulseiras.

— Ah! ladrão! exclamou elle, ousas roubar-nos no momento em que fallas da tua probidade!

Bem me ham dito que é necessario tomar mais cuidado nos vossos pés que nas mãos.

— Sufa! depressa Loriol senão essas harpyas nos deixão sem nada. Miguel acabou de juntar os objectos cabidos, e fechou a mala.

— Porém o importe da comida? perguntou o Marabú.

— Tu já te pagaste por tuas mãos, disse Miguel.

— Como?

— Tu naturalmente não roubaste somente a pulseira.

— Nada mais tirei; exclamou o negro.

— Pois bem isto te servirá de lição para que outra vez te portes com mais lisúra.

E sem mais palavras montarão nos burros; o negro os quiz reter pelas redeas de couro, porem Etienne o repellio; o marabú irritado arrancou uma faca, porem os marinheiros travarão das pistolas.

— Toma sentido! degenerado viburno que contra *puffs* * de nada valem os grisgris; vós mesmos imposturais por ahí que em tempos de Mahomet não haviã das armas, que por essa razão elle não ponde fazer talismans preservativos: sê pois prudente e deixa-nos que em socego façamos a nossa viagem.

O negro que á vista das pistólas tinha recuado, largou as redeas porem apenas aquelles afastaram-se, este lhes fez um gesto de ameaça, murmurou algumas palavras inintelligiveis e dirigio-se para as arvores á juntar-se com suas mulheres.

(Continúa.)

(*) Carne cusida.

* 2 Pistolas.

Parte noticiosa.

Na ilha da Anteparos do archipelago mediterrâneo acaba de ser feita uma curiosa descoberta: é ella a de uma caverna bastante vasta, contendo infinidade de objectos de marmore representando fielmente, arbustos, plantas, etc. etc.

E' este um jardim subterraneo, onde cada pedra, cada repuxo, cada festão, são outras tantas produções vegetaes petrificadas.

Todas estas vegetalisações são de marmore branco transparente crystallisadas.

Nota-se no chão da caverna leivas, flores e couves de extraordinaria grandesa, tão admiravelmente lavradas que dir-se-hia naturaes.

Aqui e alli pedaços adherentes á parede do gruta, e columnas com estrias que tomar-se-hiam por troncos d'arvores, trabalhados verticalmente pelo corrente das aguas.

O que é ainda mais de admirar n'este subterraneo é uma pyramide de varios metros de altura, perfeitamente direita, coroada de um capitel com forma de ramagem.

Esta pyramide assim ornada é a mais bella arvore que se pôde imaginar.

Os labores miudos d'esta maravilhosa obra, são tão delicadamente feitos, e bem conservados que se dirião apenas acabados pelo esculptor.

— Lê-se no « Jornal de Roma: »

Em Dezembro S. Santidade dirigio-se ao jardim botanico destinado ao ensino pratico da sciencia botanica, ensino que dá-se na Universidade Romana. Pio IX tinha sobretudo desejo de visitar o sallão restaurado e embellecido á sua custa pelos cuidados do Professor, architecto Virgínio Vespagnani, afim de collocar ahí o gigantesco esqueletto da baléa que em Março de 1866 foi botada na praia de Santa Marinella, perto de Civitá Vecchia. Graças a uma acção continua do vapor, os ossos da baléa forão reduzidos a uma altura estupenda e despídos de toda parte cartilaginosa. Estes ossos juntos entre si segundo sua natural correlação vem a formar um desmedido esqueletto, cujo comprimento é de 22 metros e a largura quasi de 5. Verificou-se que a baléa pertence a uma especie que não tem sido descripta, nem pertence a muséo aignm. Pelo que o professor que pôz em ordem este trabalho colossal deu-lhe o nome *Rosquatus Pianus* tomando esta ultima qualificação do nome augusto do soberano pontifice que gloriosamente reina. Um aparelho engenhoso que imita a articulação natural das queixadas as faz mover como se tivesse vida.

O parochio substitue o juiz.— São curiosos alguns costumes de certos habitante da Baixa-Bretanha [França]. Têm invencivel horror pelos advogados, juizes, escrivães e meirinhos; herdaram de seus maiores uma confiança sem limites em Deus. Quando dous aldeões tem um pleito, antes querem submittê-lo ao cura da sua freguesia do que ao juiz. Vão á igreja e pedem uma missa a que poderemos chamar do Espirito Santo; as partes confessam-se, depois chegam-se ao altar, o sacerdote faz-lhe uma curta predica e leva-os em seguida para traz da igreja a uma pequena esplanada que domina o cemiterio, e alli cada um defende a sua causa; o cura pronuncia a sentença, os dous adversarios voltam á igreja, ouvem a missa e commungam, e está o negocio concluido.

Não ha exemplo de que tenha deixado de cumprir-se uma destas sentenças. Os contendentes não ficam com nenhuma animosidade, e todas as despezas do processo se reduzem á esmola que ao passar deitam na caixa dos pobres, pois o cura diz sempre gratis estas missas.